

A prática docente em EAD no contexto da cibercultura

Wilma Aparecida Trenk¹

Resumo: Este artigo trata da prática docente em EAD na cibercultura, ou seja, na cultura contemporânea, em que homem e tecnologia digital relacionam-se de um modo simbiótico, num processo de produção cultural colaborativa em rede. Discute a função e os saberes do tutor, profissional responsável pela ação didático-pedagógica. Por fim, apresenta aspectos essenciais da prática docente online que possam favorecer a construção do conhecimento no ciberespaço e a formação do aluno, o qual é o centro de todo o processo educativo.

Palavras Chave: Prática docente, EAD, Tutor, Cibercultura.

Introdução

O presente artigo é resultado de meses de pesquisa acerca da docência em educação a distância no contexto da cibercultura. Como professora na EMEFM Vereador Antonio Sampaio e docente habilitada para o magistério superior, esse tema interessou-me, tanto pelo seu aspecto prático, ou seja, pela possibilidade de uma atuação futura na modalidade EAD, como também pela necessidade de um embasamento teórico atual, que se encontra nos trabalhos de pesquisadores renomados e em textos orientadores do ensino a distância.

O objetivo do trabalho é responder à questão: qual o papel e os desafios do docente online, suas funções e suas possibilidades de ação pedagógica? Pretendemos, com este artigo, elucidar para os leitores aspectos essenciais da prática docente online que possam favorecer a construção do conhecimento no ciberespaço.

A prática docente em EAD no contexto da cibercultura

A EAD surgiu efetivamente em meados do século XIX, decorrente do desenvolvimento dos transportes e das comunicações, como trens e correio (MAIA, 2007, p. 21). Os principais materiais de comunicação nessa fase eram os impressos, com tarefas e exercícios, enviados pelo correio. Na verdade, o modelo dessa EAD era o industrial de produção de massa, ou fordismo (GUAREZI, 2009, p. 28).

A segunda geração da EAD iniciou-se nos anos 1960, caracterizando-se pelo acréscimo de novas mídias, como a televisão, o rádio, as fitas de áudio e vídeo, o telefone e, mais tarde, na década de 1980, os computadores, mas de maneira limitada.

Um fato importante nessa fase foi a inauguração de universidades abertas de ensino a distância em vários países da Europa, Ásia e África, baseadas no modelo da Open University britânica, fundada em 1969 (MAIA, 2007, p. 22).

O neofordismo foi o modelo de produção industrial nesse período. Concentrou-se na alta inovação dos produtos e na variabilidade do processo de produção, mas manteve do fordismo a organização fragmentada e controlada do trabalho (GUAREZI, 2009, p. 30). A EAD procurou adaptar-se às mudanças, mas coexistiram duas tendências: o modelo anterior e uma proposta incipiente de educação mais flexível quanto aos conteúdos e mais personalizada no atendimento ao aluno.

¹ Licenciada em Letras Português-Latim; Mestre em Letras Clássicas pela USP; Pedagoga; Professora aposentada do Ensino Básico do Estado de São Paulo; Docente universitária; Professora da rede municipal de São Paulo – Emefm .Vereador Antonio Sampaio.

Por volta de 1995, com a expansão da internet, criou-se uma ruptura com as fases anteriores da educação a distância (MAIA, 2007, p. 22). A terceira geração da EAD compreende a utilização do videotexto, do microcomputador, da tecnologia de multimídia (com diversas linguagens: sons, imagens, textos), do hipertexto e de redes de computadores com utilização de banda larga, da comunicação síncrona e assíncrona, os quais são característicos da educação a distância online. Nesse novo momento, marcado pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), emergiu o espaço virtual da aprendizagem, digital e baseado na rede, como também a possibilidade de um novo formato do processo de ensino-aprendizagem, mais aberto e centrado no aluno.

Estudiosos no assunto reconhecem que, nessa fase da EAD, estão sendo redefinidos seus objetivos e estratégias, a partir dos paradigmas pós-modernos, em que as palavras-chave são: inovação, mediação, interação e criação (GUAREZI, 2009, p. 32). Entretanto, a educação é “por si muito complexa e resistente a mudanças” (GUAREZI, 2009, p. 32).

Isso significa que, apesar do aparecimento da Web 2.0, em que é possível a comunicação em rede, com o uso de recursos multimídia e a construção do conhecimento coletivo através das tecnologias digitais interativas, a pedagogia dos cursos EAD encontra-se ainda, na maior parte dos casos, centrada no modelo da distribuição da informação, própria da mídia de massa. Como afirma o pesquisador Marco Silva (2003, p. 262):

O essencial e urgente é uma pedagogia baseada na participação, na comunicação que não separa emissão e recepção e na construção do conhecimento a partir da elaboração colaborativa. Trato dessa pedagogia a partir da interatividade, entendida como transição da lógica da transmissão própria da mídia de massa para a lógica da comunicação própria da “cibercultura”.

Por cibercultura designamos, entre outros aspectos, a nova forma de comunicação proveniente da interconexão mundial de computadores, em acelerada expansão no presente século (SILVA, 2003, p. 261). “... o conceito de cibercultura diz respeito à simbiose homem e tecnologia digital em rede enquanto processo de interprodução ou de co-produção cultural” (SANTOS, 2009, p. 5663). É a cultura contemporânea, o que se vive atualmente. A rede

é entendida como todo fluxo e feixe de relações entre seres humanos e as interfaces digitais. Nessa híbrida relação, todo e qualquer signo pode ser produzido e socializado no e pelo ciberespaço, compondo assim o processo de comunicação em rede próprio do conceito de ambiente virtual de aprendizagem. (SANTOS, 2009, p. 5661).

Para Edméa Santos (2009, p. 5661), a EAD online não é simplesmente uma evolução ou nova geração da modalidade EAD, mas um fenômeno da cibercultura. As interfaces do AVA (ambiente virtual de aprendizagem) permitem não só a interatividade (co-criação), mas a aprendizagem colaborativa.

Nesse quadro caracterizado pela interatividade e pela comunicação todos-todos, em contraposição à mediação um-todos do antigo modelo conteudista de massa, a EAD exige do quadro docente uma nova postura. O ciberespaço, reconhecidamente um espaço social comunicativo e de produção compartilhada, leva à reflexão de que o saber não é mais um produto a ser difundido, mas o resultado de um trabalho de

construção, a partir de práticas educativas que têm a comunicação midiaticizada a serviço da formação do aluno.

Assim, as chamadas tecnologias da informação e comunicação (TIC) mudaram o cenário da educação a distância. Nos ambientes virtuais de aprendizagem, os estudantes têm acesso às variadas ferramentas da Web 2.0, como fóruns, trabalhos colaborativos, videoconferências, chats, entre outros, que podem tornar a aprendizagem mais significativa e possibilitar as trocas de informações e experiências entre os usuários.

Nesse contexto, a docência também requer mudanças que impliquem em uma nova forma de atuação. Como ponto de partida para as reflexões sobre essa docência online, surge a questão: quem é o docente em EAD?

Segundo Maia (2007, p. 90), as possibilidades de trabalho do professor diferenciam-se da função presencial porque novos papéis se abrem para ele em EAD:

a) O professor pode ser o autor do material, organizando e elaborando os conteúdos. Para tanto, suas habilidades se voltam para: a seleção dos conceitos de cada aula, que devem ser poucos; a organização do material em relação ao tempo do aluno para realizar as atividades; a edição das mensagens quanto às fontes, tamanhos, cores e fundos; o uso de recursos visuais, sons e animações, entre outros detalhes.

O professor pode ser também um designer do curso, gráfico e visual, como também, num sentido mais abrangente, operar na tecnologia educacional ou na posição de um designer instrucional, que planeja na instituição os cursos e disciplinas.

Seu papel amplia-se ainda mais, na medida em que é ele que tem experiência em educação e pode ser um auxiliar essencial nos projetos de ambientes virtuais de aprendizagem que são desenvolvidos no curso.

b) O professor pode tornar-se tutor. Nessa função, organiza a classe virtual, estipulando os prazos, os objetivos do curso, dividindo grupos e acompanhando o aprendizado dos estudantes. Desse modo, exerce um papel administrativo e organizacional.

Por outro lado, é ele que acolhe a turma, no contato inicial, provoca a apresentação dos alunos e a sua participação, gerando um senso de comunidade no grupo. Assim, seu papel também é social, para o qual necessita conhecer ao máximo o público-alvo. Maia (2007, p. 91) destaca que o tutor tem uma função importantíssima, que é dar o *feedback* constante aos alunos. Diferentemente da sala de aula, em que o *feedback* é imediato, através de palavras, gestos, ou outros recursos, na EAD os canais são reduzidos. Portanto, o tutor é o elemento-chave para o reforço do aprendizado.

Assim, a atividade docente na educação a distância é basicamente a do tutor, e não a do professor conteudista, pois envolve a ação didático-pedagógica. Entretanto, um grande problema é que, na racionalização do trabalho pedagógico, há uma separação entre os que planejam a ação educativa e os que a exercem, e a mediação fica relegada à simples execução do que foi planejado por outros.

Num curso EAD, no contexto da cibercultura em que vivemos, o ideal seria que o trabalho pedagógico não fosse fragmentado, de modo que todos os integrantes, inclusive os tutores, participassem do seu planejamento, desde o Projeto Pedagógico do Curso, com base na Missão da Instituição, no Projeto de Desenvolvimento Institucional e na Legislação pertinente, até a definição clara das competências, habilidades e atitudes esperadas para o corpo discente e a elaboração do conteúdo instrucional. Desse modo, o conhecimento global dessa realidade multifacetada, que é a organização da produção da EAD, e a participação ativa do tutor em todas as suas fases, permitiriam a valorização do seu trabalho, a segurança na sua ação pedagógica e

a possibilidade de apresentar-se para o aluno como um real representante da instituição, além de um dos maiores responsáveis pelo êxito do curso.

É certo que para a aprendizagem a distância, coloca-se a autonomia do aluno como um de seus requisitos, mas:

É por intermédio dele [tutor] também que se garante a efetivação do curso em todos os níveis. Em suma, o tutor é aquele que em muitos momentos representa o curso e é por isso que autores depositam em sua atuação o sucesso ou não da educação a distância (SHLOSSER, 2010).

Cabe aqui uma reflexão sobre a prática docente desse profissional, no contexto em que se insere. Evidentemente, o modelo de “aula” da educação presencial desaparece totalmente no âmbito da EAD, mas é irrefutável que o tutor é o responsável pelo direcionamento das práticas cotidianas, a partir das escolhas que faz, em consonância com as suas concepções pedagógicas, e pelo auxílio ao aluno no desenvolvimento de suas competências e habilidades. Seu trabalho requer determinados saberes para realizar uma ação consciente, intencional e efetiva.

Saberes disciplinares: constituem os saberes dos conteúdos específicos que devem ser ensinados. Uma vez que o tutor será o mediador no processo de construção do conhecimento do aluno, ele necessita ter domínio da disciplina, além da habilidade de problematizar temas e recomendar fontes de consulta. Para tanto, é imprescindível que a sua formação acadêmica esteja vinculada à área em questão e que participe de cursos de reciclagem, para constante atualização.

A par do saber do conteúdo, a competência comunicacional do tutor também se faz necessária, uma vez que utiliza as variações de linguagem formal e informal e a comunicação oral e escrita conforme as atividades (GUAREZI, 2009, p. 123).

Saberes tecnológicos: dizem respeito às habilidades específicas para atuar no ambiente virtual de aprendizagem

O domínio do tutor nas diversas linguagens (oral, escrita, audiovisual e multimídia) está presente na forma como ele utiliza os recursos midiáticos do curso, na orientação aos cursistas para o uso de sites educativos, software, blogs e wikis e nas respostas a dúvidas deles quanto ao uso das ferramentas disponíveis no AVA.

Cada ferramenta tem sua finalidade específica, como a disponibilização de materiais ou a interação entre os participantes. Mas a utilização delas dependerá da finalidade esperada e da capacidade do tutor de potencializá-las no contexto de sua prática, considerando as implicações pedagógicas. Por exemplo, no fórum, escolher um tema pertinente, elaborar questões abertas, provocativas e de fácil compreensão; usar linguagem clara e objetiva; (re)alimentar as discussões equilibradamente para favorecer a troca de experiências; possibilitar a ampliação dos conceitos, com o cuidado para que não se perca o foco.

Seria bom que, antes de iniciar sua função, o tutor participasse de cursos de capacitação ou de cursos online que utilizassem o mesmo ambiente virtual previsto para sua tutoria. Mas como a EAD é um campo promissor para a educação, seria excelente se os cursos de graduação e licenciatura incluíssem em seus currículos a formação de profissionais capacitados no uso e na reflexão crítica das tecnologias de informação e comunicação.

Saberes didático-pedagógicos: abrangem os processos de ensino, em que se articulam a teoria da educação e a didática na prática cotidiana.

Na EAD online, a falta da proximidade física dos integrantes do processo ensino-aprendizagem, que caracteriza a sala de aula, acarreta uma abordagem pedagógica nova, mediatizada pelo instrumento tecnológico. A ação pedagógica nessa modalidade, que é realizada pelo tutor, compreende basicamente: a) a administração do curso online, no que tange ao seu ritmo, normas a serem seguidas, tarefas e diretrizes aos alunos. Há ainda: b) as estratégias e c) a avaliação, componentes também do ensino presencial, mas com características peculiares.

O tutor, na sua prática, analisa escolhas, planeja estratégias, percursos de aprendizagens, e toma decisões. Mas um componente fundamental, subjacente a essa tomada de decisões didáticas, são as suas próprias concepções acerca da natureza do ensino e da aprendizagem, sobretudo em EAD, as quais se formam pelo conhecimento das teorias de ensino-aprendizagem, preferencialmente as mais recentes, e pela reflexão teórica e prática.

A distinção entre a EAD clássica e a EAD online, como já foi explicado neste artigo, tem como fulcro a interatividade, que é própria do contexto da cibercultura. Dessa forma, o desafio da equipe docente, e principalmente do tutor, é comunicacional, superando a concepção de ensino centrado no professor detentor do conhecimento, da transmissão característica da mídia de massa, do ensino pela memorização, para atuar no campo da dialogicidade e da co-criação. Marco Silva (2003, p. 263) enfatiza esse aspecto em seu artigo:

Convido o professor a tomar o conceito complexo de interatividade e com ele modificar seus métodos de ensinar baseados na transmissão. Na sala de aula interativa a aprendizagem se faz com a dialógica que associa emissão e recepção como pólos antagônicos e complementares na co-criação da comunicação e da aprendizagem.

Por outro lado, o construtivismo, inspirada no psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), recebeu enorme adesão no meio educacional, destacando o papel essencial da interação na construção da aprendizagem pelo aluno. Na verdade, o professor construtivista suscita a “expressão e a confrontação dos estudantes a respeito de conteúdos de aprendizagem” (SILVA, *ibidem*), provocando a sua participação ativa. Essa postura docente está conforme o estágio atual da EAD online, em que o hipertexto, ou seja, a leitura não-linear que se abre em janelas e links, permite a configuração de redes e sintoniza-se com a emergência de um novo leitor:

Não mais aquele que segue as páginas do livro de modo unitário e contínuo, mas aquele que salta de um ponto a outro fazendo seu próprio roteiro de leitura. Não mais o que submete-se às réditas da emissão, mas o que, não se identificando apenas como receptor, interfere, manipula, modifica e, assim, reinventa mensagem. (SILVA, 2003, p. 265).

Como conseguir essa estratégia de interatividade na prática da EAD com os alunos, esses leitores digitais? A resposta é dada pelo mesmo Marco Silva:

Ele [professor] modifica o modelo centrado no seu falar-ditar e passa a *disponibilizar* ao aluno autoria, participação, manipulação, coautoria e informações o mais variadas possível, facilitando permutas, associações, formulações e modificações na mensagem. (SILVA, 2003, p. 266).

Assim, o tutor não será um conselheiro ou um facilitador da aprendizagem, mas um “sistematizador de experiências” (SILVA, *ibidem*), um formulador de problemas, estimulador da participação criativa, das trocas, críticas, autocríticas, experimentações e descobertas. Em suma, o docente caracteriza-se como um mediador, no sentido concebido por Vygotsky, ou seja, é alguém que auxilia o aprendiz na sua busca pelo nível de desenvolvimento esperado.

Uma teoria única não é ideal para responder a todos os desafios da modalidade educacional da EAD online, mas um conjunto de teorias oferece diretrizes para a formação do homem como sujeito do processo educacional. Guarezi (2009, p. 115) defende que as ideias das teorias construtivistas e os princípios da andragogia, que são a autoaprendizagem e a interatividade, contribuem grandemente para a EAD e estão mais adequadas ao indivíduo e à sociedade atual, porque sugerem um ser ativo e autônomo. Paulo Freire (1921-1997), renomado educador brasileiro, compartilha das diretrizes dessas teorias, porque se posiciona contra a educação “bancária”, a relação vertical professor-aluno e as posições tradicionais imobilistas, em vista de um aluno que assume sua própria construção da aprendizagem. Ribas (2010), em seu artigo “Paulo Freire e a EAD: uma relação próxima e possível”, mostra que a aproximação entre P. Freire e a EAD se dá no diálogo, na interatividade, e ainda:

A autonomia proposta por Paulo Freire em ambientes virtuais pressupõe: o respeito ao saber do educando, às suas experiências, sua história, cultura, valores, a busca de práticas pedagógicas apropriadas à comunidade, uma educação autêntica já que ensinar é permitir a construção do conhecimento em ambientes virtuais que facilitem esta abordagem. (RIBAS, 2010).

A partir dessa citação, pode-se acrescentar que o tutor, ao propor situações-problema para a realização de atividades de pesquisas, por exemplo, poderá levar o estudante a contextualizar questões locais e globais do seu universo cultural (SANTOS, 2009, p. 5665). Assim, o aluno constrói uma aprendizagem significativa, consciente, envolvendo-se na própria educação, e tem a possibilidade de interferir no mundo em que vive.

A formação das comunidades de aprendizagem, possíveis nas redes do ciberespaço, a integração social poderá levar à formação crítica e libertadora, se houver um método problematizador em práticas pedagógicas coletivas, num relacionamento horizontal tutor-alunos e alunos-alunos. Entretanto, para de fato realizar essa meta, a comunidade deve passar de simples agrupamento para evidenciar a interação humana, com laços de sociabilidade e respeito, compartilhamento de ideias, identidade social e lugar de encontro (LAPA, 2007).

Por fim, convém tratar da avaliação como mais uma ação didático-pedagógica do tutor. Ela revela se a aprendizagem foi realmente efetiva. Mas é preciso considerar que os seus critérios estão vinculados às diretrizes educacionais da EAD. Assim, numa prática tecnicista, a ênfase estará nos resultados quantitativos e numéricos, auferido em notas, testes, provas e classificações. Em contraposição, numa prática cognitivista, tal como se expôs acima como ideal, a ênfase é no processo, refletindo a busca da melhoria da qualidade da educação e a construção do conhecimento. Nela, o aluno adulto tem autonomia para refletir sobre o processo de sua aprendizagem, além de ter o *feedback* dos seus resultados, que estimula o seu crescimento (GUAREZI, 2009, p. 124). Da mesma forma, a avaliação que simplesmente propõe uma reprodução do conteúdo apresentado não condiz com os objetivos da EAD online sintonizada com os

princípios construtivistas-interacionistas, em que a construção do conhecimento pressupõe a participação criativa, o questionamento, a crítica e a autocrítica.

Mesmo sendo adulto, o aluno necessita de alguém que o estimule, que é o tutor, com suas responsabilidades pessoais e profissionais. É ideal que ele acompanhe o estudante, fazendo um mapeamento do seu percurso. Isso significa:

saber como ele estuda, que dificuldades apresenta, quando busca orientação, se há relacionamentos com os colegas para estudar, se consulta bibliografias de apoio, se realiza as tarefas e exercícios propostos e se é capaz de relacionar teoria e prática (NEDER, 2000, apud SCHLOSSER, 2010).

De fato, o que importa não é a assimilação dos conteúdos, mas os acertos e erros do aluno durante o processo de construção da aprendizagem, e a utilização dessas informações para a reelaboração do trajeto.

Como se teve a oportunidade de verificar, a prática mediadora do tutor apresenta uma direção coordenadora e descentralizadora no ideal da EAD online.

Mas a reflexão crítica permanente por parte do próprio tutor emerge em importância, sobretudo porque estar utilizando o ambiente online não significa promover a educação online. Apesar de vários institutos que oferecem EAD incluírem em seus projetos os princípios educativos construtivistas-interacionistas, o que ocorre na prática, em muitos casos, é a continuidade da educação “bancária”, da mídia de massa com seus materiais estáticos, e a tutoria presa aos moldes da transmissão tradicional do conhecimento. O grande desafio da atualidade para o docente é a sua integração real na EAD online, através da mediação dialógica e da interatividade, no contexto da cibercultura.

Considerações finais

Apesar do aparecimento da pedagogia construtivista, das tecnologias digitais e da cibercultura, a grande maioria dos programas de EAD ainda se baseia na lógica da transmissão própria da mídia de massa e na educação “bancária”. Portanto, é urgente um novo formato do processo ensino-aprendizagem. Entre os resultados das pesquisas realizadas neste artigo, podemos mencionar algumas recomendações sobre a docência online: 1. Que o tutor participe de todas as fases da produção pedagógica da EAD; 2. Que tenha uma formação acadêmica vinculada à área de atuação em EAD e adquira atualização constante por meio de reciclagens; 3. Que não se coloque como detentor do conhecimento, mas como um mediador no campo do diálogo, da interatividade e da co-criação, provocando a participação ativa do aluno por meio da problematização dos conteúdos. 4. Que respeite o saber do educando, suas experiências, cultura e valores. 5. Que avalie o aluno, mapeando o percurso de sua aprendizagem, proporcionando-lhe o feedback e estimulando o seu crescimento e que utilize também a autoavaliação e a interavaliação; 6. Enfim, que possibilite os processos de autoria, trocas, críticas, autocríticas, experimentações e descobertas por parte dos aprendizes.

Todos esses aspectos da prática docente em EAD são pontos para a reflexão. O docente reflexivo crítico tem uma postura de constante análise e avaliação de sua ação cotidiana, no sentido de que a prática pode oferecer-lhe um conhecimento específico que norteie a forma de ensinar e a sua mediação competente. As teorias são um respaldo para a *práxis*, mas não existem receitas prontas para a ação didático-pedagógica.

Referências bibliográficas

- GUAREZI, Rita de Cássia Menegaz; MATOS, Márcia Maria de. *Educação a Distância sem Segredos*. Curitiba: Ibepex, 2009. (Biblioteca Digital Pearson).
- LAPA, A. B. Por uma abordagem da educação a distância que propicie uma formação crítica do sujeito (2007). Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT16-3580--Int.pdf>>.
- MAIA, C.; MATTAR, J. *ABC da EaD: a Educação a Distância hoje*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. (Biblioteca Digital Pearson).
- RIBAS, I. C. Paulo Freire e a EaD: uma relação próxima e possível (2010). Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/3042010090204.pdf>>.
- SANTOS, E. Educação **online** para além da ead: um fenômeno da cibercultura. *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho, 2009. Disponível em: <<http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/congreso/Xcongreso/pdfs/t12/t12c427.pdf>>
- SCHLOSSER, R. L. A atuação dos tutores nos cursos de educação a distância. *Colabor@ – Revista Digital da CVA – Ricesu*, v. 6, n. 22, fev./2010. Disponível em: <<http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/viewFile/128/112>>.
- SILVA, M. Educação na cibercultura: o desafio comunicacional do professor presencial e online. *Educação e Contemporaneidade*. Revista da Faeeba. Volume 12, número 20, julho/dezembro 2003. Disponível em: <<http://www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/numero20.pdf>>.

Recebido para publicação em 11-01-14; aceito em 12-02-14